



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição 11 matérias

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, terça-feira, 22 de março de 2011

A CRITICA Passagem de Dilma por Manaus será relâmpago 1 VEICULAÇÃO LOCAL	
AMAZONAS EM TEMPO Flávia Grosso recebe convite para integrar comitiva oficial à China 2 VEICULAÇÃO LOCAL	
DIÁRIO DO AMAZONAS Dilma visita Manaus pela primeira vez como presidente 3 VEICULAÇÃO LOCAL	
O ESTADO DE SÃO PAULO DILMA CRIA MINISTÉRIO PARA ALOCAR OUTRO ALIADO 4 VEICULAÇÃO NACIONAL	
O ESTADO DE SÃO PAULO UM MUNDO MAIS COMPLEXO 5 VEICULAÇÃO NACIONAL	
O ESTADO DE SÃO PAULO FIESP PEDE MAIS EQUILÍBRIO NO COMÉRCIO BRASIL-EUA 6 VEICULAÇÃO NACIONAL	
O ESTADO DE SÃO PAULO Celso Ming 7 VEICULAÇÃO NACIONAL	
VALOR ECONÔMICO DILMA ESTUDA NOMES ALTERNATIVOS PARA A SECRETARIA DE AVIAÇÃO CIVIL 8 VEICULAÇÃO NACIONAL	
VALOR ECONÔMICO SUPERÁVIT COMERCIAL SOMA NO ANO US\$ 2,3 BI 10 VEICULAÇÃO NACIONAL	
VALOR ECONÔMICO SECRETÁRIO AMERICANO DESTACA GARGALOS DE INFRAESTRUTURA 11 VEICULAÇÃO NACIONAL	
VALOR Brasil pressiona Argentina por fim de barreiras, mas não pensa em retaliação 12 VEICULAÇÃO NACIONAL	

	VEÍCULO A CRITICA	EDITORIA	
	TÍTULO Passagem de Dilma por <u>Manaus</u> será relâmpago		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO LOCAL

Dilma Roussef deixa Brasília às 8h, no Aerolula e desembarca em Manaus às 11h, na Base Aérea. O roteiro oficial prevê um discurso da presidenta e do ministro da Saúde, Alexandre Padilha, no palco do Teatro Amazonas, um encontro fechado com lideranças e encerra às 13h com o embarque de volta a Brasília

Gerson Severo Dantas

Amazonas deu a Dilma expressão significativa de votos nas eleições 2010 (AE)

A primeira visita da presidente Dilma Rousseff (PT) ao Estado que lhe deu a maior votação proporcional do País na eleição de 2010 vai durar exatamente 2h20, tempo suficiente para ela lançar, no palco do Teatro Amazonas, o programa de Fortalecimento da Rede de Prevenção, Diagnóstico e Tratamento do Câncer. As ações vão custar R\$ 4,5 bilhões em todo o Brasil e focam os dois tipos de câncer que mais afligem as brasileiras: o de mama e o de colo do útero.

Dilma Roussef deixa Brasília às 8h, no Aerolula e desembarca em Manaus às 10h40, na Base Aérea, zona Sul. O roteiro oficial prevê um discurso da presidenta e do ministro da Saúde, Alexandre Padilha, no palco do Teatro Amazonas, um encontro fechado com lideranças e encerra às 13h com o embarque de volta a Brasília. “As viagens dela têm sido assim, vem, cumpre um compromisso e volta”, diz a funcionária do Departamento de Imprensa Regional da Secretaria de Comunicação Social da Presidência, Vanessa Montenegro. Neste roteiro não está previsto coletiva de imprensa ou contato com a população amazonense.

Fortalecimento

Conforme a coordenadora de Média e Alta Complexidade da Secretaria de Atenção à Saúde do Ministério da Saúde, Inês Gadelha, a presidente escolheu Manaus para lançar as novas ações de fortalecimento devido ao fato das regiões Norte e Nordeste liderarem em número de casos destes dois tipos de cânceres. “O de colo de útero é a principal causa de morte, entre os diversos tipos de cânceres, de mulheres no Norte. O de mama está em segundo lugar”, completa a coordenadora.

O programa de combate ao câncer de colo de útero prevê seis ações macro em todo o Brasil, dentre as quais se destacam ampliação da assistência e intensificação dos exames na faixa etária foco e na periodicidade recomendada pela Organização Pan Americana de Saúde. “O exame de papanicolau deve ser feito a cada três anos, mas muitas mulheres esquecem de que tem de fazê-lo”, diz Inês Gadelha, lembrando que campanhas publicitárias serão feitas a partir do segundo semestre para lembrar da necessidade do exame preventivo.

Outra ação importante é a de controle de qualidade dos exames. Conforme números do SUS, no Norte existem 180 laboratórios de exames clínicos, a maioria nas capitais, e 70% deles fazem menos do que 5 mil exames preventivos ao ano.

“O padrão de qualidade recomendado pela OPAS é de produção mínima de 15 mil exames/ano”, explica.



VEÍCULO AMAZONAS EM TEMPO	EDITORIA	
TÍTULO Flávia Grosso recebe convite para integrar comitiva oficial à China		
ORIGEM PRESS-RELEASE DA ASSESSORIA DE IMPRENSA	ENFOQUE POSITIVO	VEICULAÇÃO LOCAL

Em nome da Presidente da República, o ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota, convidou a **Superintendente da Suframa, Flávia Skrobot Barbosa Grosso**, para integrar a delegação empresarial que acompanhará Dilma Rousseff em visita oficial à China, no período de 12 a 15 de abril.

A missão empresarial tem foco multissetorial, com destaque para os segmentos de infraestrutura, energia, alimentos industrializados, moda e tecnologia e tem como objetivo identificar novas oportunidades, principalmente nos setores em que a China é grande **importadora** mundial.

O país asiático se tornou a segunda economia mundial em fevereiro último e tem sido um dos principais responsáveis pelo crescimento global. Nesse contexto, a visita presidencial é propícia para destacar a disposição brasileira em estimular o **comércio** bilateral e as relações de investimentos recíprocos.

A China já mantém um **importante** fluxo comercial com a **Zona Franca de Manaus**, com investimentos nos segmentos de Duas Rodas, Mecânico, Termoplástico e Eletroeletrônico.

	VEÍCULO DIÁRIO DO AMAZONAS	EDITORIA	
	TÍTULO Dilma visita <u>Manaus</u> pela primeira vez como presidente		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO LOCAL	

Dilma deve anunciar investimentos da ordem de R\$ 4,5 bilhões para prevenção, diagnóstico e tratamento do câncer de mama e do colo de útero.

Manaus - A presidente Dilma Rousseff (PT) chega na manhã desta terça a **Manaus** para participar de evento de prevenção ao câncer de mama, no Teatro **Amazonas**, no Centro da capital do **Amazonas**. Esta é a primeira visita de Dilma ao **Amazonas** depois que ela foi eleita presidente.

Dilma deve anunciar investimentos da ordem de R\$ 4,5 bilhões para prevenção, diagnóstico e tratamento do câncer de mama e do colo de útero. As ações passam por construção de novos centros especializados, criação de serviços para radioterapia e quimioterapia e colocação de equipamentos de mamografia em funcionamento.

"Queremos que toda mulher tenha oportunidade de se cuidar, fazendo a prevenção benfeita. Se a doença, mesmo assim, aparecer queremos que toda mulher possa fazer o melhor tratamento possível, no tempo certo e com qualidade", disse Dilma, ontem, durante o programa Café com a presidente. Ela afirmou que a previsão é que, dentro do Programa de Prevenção ao Câncer de Mama e ao Câncer de Colo do Útero, sejam criados 20 centros especializados no diagnóstico e no tratamento da fase inicial do tumor no colo de útero no Norte e Nordeste do País.

Segundo previsão da assessoria do Palácio do Planalto, o avião oficial sai de Brasília às 8h e chega ao Aeroporto Eduardo Gomes por volta das 10h40 (horário de **Manaus**).

Dilma segue direto para o Teatro **Amazonas**, onde o evento vai ser realizado. A solenidade está marcada para começar às 11h e terminar às 13h. Dilma segue do teatro para o aeroporto e retorna para Brasília.

O ministro da Saúde, Alexandre Padilha, e representantes da secretaria de atenção à saúde da mulher também participarão do evento. Não foi confirmado pela assessoria nenhum outro evento local com a presença de Dilma.

Aprovação

A presidente Dilma Rousseff chega a **Manaus** dois dias depois de ser bem avaliada pelos brasileiros. Ela foi aprovada por 47% dos brasileiros e seu governo obteve nota 6,9, na primeira pesquisa do Instituto Datafolha sobre seu mandato, divulgada nesta segunda. Comparado com o terceiro mês de mandato de seus antecessores, ela fica tecnicamente empatada com Luiz Inácio **Lula** da Silva - que teve 48% em março de 2007 - e à frente dos três presidentes anteriores.

Segundo o Datafolha, Fernando Collor havia obtido 36% de aprovação em março de 1990 e Itamar Franco 34% em 1992, Depois, Fernando Henrique Cardoso conseguiu 39% em 1995 e 21% em 1999. No seu primeiro mandato, **Lula** havia obtido 43% de aprovação, em março de 2003.

Celebridades

Na comitiva de Dilma Rousseff estão confirmadas as presenças das cantoras Maria Rita e Preta Gil, da atriz Cássia Kiss, da ex-jogadora de basquete Hortência e da apresentadora Hebe Camargo. As informações são da Agência de Comunicação do Governo (Agecom).

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA
	TÍTULO DILMA CRIA <u>MINISTÉRIO</u> PARA ALOCAR OUTRO ALIADO	
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Pasta da Microempresa deve ser anunciada na sexta e chefiada por Alessandro Teixeira

Rosa Costa / BRASÍLIA - O Estado de S.Paulo

A presidente Dilma Rousseff deve anunciar na sexta-feira os principais pontos da estrutura do **Ministério** das Micro e Pequenas Empresas. O governo vai aproveitar a solenidade de comemoração do registro de 1 milhão de empreendedores individuais no País, prevista para esta data, e apresentar as diretrizes da pasta.

Nome forte. Secretário executivo do **Ministério** do **Desenvolvimento**, Alessandro Teixeira deve ser nomeado ministro da pasta. No ato, a presidente quer marcar o êxito do governo do ex-presidente Luiz Inácio **Lula** da Silva ao formalizar as atividades de pessoas que trabalham por conta própria, como pipoqueiros e sapateiros, além de mostrar seu empenho em fortalecer o que afirma ser o único **Ministério** que será criado no seu governo. Ainda não está decidido se o Planalto optará por um projeto de lei ou - o que é mais provável - por uma medida provisória.

O que é certo é que serão adotadas medidas para transferir para o novo **Ministério** a vinculação hoje existente entre o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e o **Ministério** de **Desenvolvimento, Indústria e Comércio** Exterior. A pasta deverá, ainda, incorporar a Agência Brasileira de Promoção de **Exportações** e Investimentos (Apex), também vinculada àquele **Ministério**.

Dilma vai ainda anunciar a criação de diretorias específicas no Banco Nacional de **Desenvolvimento** Social (**BNDES**) e no Banco do **Brasil** (BB) para atender os micro e pequenos investidores, oferecendo assim linhas de crédito específicas ao setor, com melhores condições de juros.

Vai ainda fortalecer a diretoria da Caixa Econômica Federal (CEF) que atua na área das micro e pequenas empresas. O Planalto já avisou parlamentares e representantes de entidades ligadas aos pequenos empresários sobre a solenidade.

Favorito. O economista Alessandro Teixeira, hoje secretário executivo do **Ministério** do **Desenvolvimento** e um

dos coordenadores do programa de governo de Dilma durante a campanha eleitoral, é o nome mais cotado para o cargo de ministro das Micro e Pequenas Empresas. A ideia de indicar o senador Antonio Carlos Valadares (PSB-SE) para a pasta - e com isso permitir que seu primeiro suplente, o presidente do PT, José Eduardo Dutra, assumisse uma vaga no Senado - não vingou. Valadares resistiu aos acenos do governo e diz não querer deixar o Congresso.

As micro e pequenas empresas, segundo dados do Sebrae, respondem por 52% dos empregos formais do País - o equivalente a cerca de 13,1 milhões de vagas - e representam 20% do **PIB** nacional.

"O Sebrae é o principal braço que o Estado Nacional tem de apoio a micro e pequenas empresas e na formalização dos empreendedores individuais", afirmou o senador e ex-ministro da Previdência José **Pimentel** (PT-CE).

"Superposição". Para o presidente da Federação do **Comércio** do Distrito Federal e ex-presidente do Conselho Federal do Sebrae, deputado Aldemir Santana (DEM-DF), a nova pasta será "mais uma superposição" a entidades ligadas à área de micro e pequenas empresas. Ele afirmou que o tratamento diferenciado dado a essas empresas do ponto de vista tributário, fiscal e burocrático já está previsto na Lei Geral da Micro e Pequena Empresa.

QUEM É

ALESSANDRO TEIXEIRA

ECONOMISTA

Homem da confiança da presidente Dilma Rousseff, Alessandro Teixeira, de 39 anos, é doutor em Economia Industrial e Tecnológica pela Universidade de Sussex. No **Governo Federal**, ele foi presidente da Apex e da Agência Brasileira de **Desenvolvimento** Industrial (ABDI).

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO UM MUNDO MAIS COMPLEXO		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Celso Ming - O Estado de S.Paulo

O ministro do **Desenvolvimento**, Fernando Pimentel, parece tomado por uma crise de identidade.

Assumi seu **Ministério** prometendo defender ferrenhamente os interesses da empresa nacional. Nem completou três meses de administração e já confessa, como ontem confessou aos empresários paulistas, que já não sabe mais o que é para ser defendido: "Temos dificuldades para definir o que é indústria nacional", afirmou, em São Paulo.

É natural que assim seja. Nem mesmo a brasileiríssima jabuticaba, tão citada, pode ser reconhecida como produto genuinamente nacional, porque há notícias de que o Paraguai e a Bolívia também a produzem. Em todo o caso, o ministro do **Desenvolvimento** parece surpreendido com os efeitos de uma economia cada vez mais globalizada.

Pimentel entendeu que, em seu posto, deveria agir com rigor para defender o produto nacional contra a predação provocada pelo produto **importado**, e logo percebeu que o produto nacional é em grande parte elaborado com peças e componentes **importados**.

A indústria automobilística, por exemplo, gostaria de **importar** peças sem taxa aduaneira, mas, com isso, prejudica a indústria de autopeças. O setor têxtil, por sua vez, quer, algo genericamente, proteção ao produto acabado e liberação comercial da matéria-prima. Mas fica difícil colocar o princípio em prática.

Como a fibra é matéria-prima da indústria de fiação; o fio, matéria-prima da indústria de tecelagem; e o tecido, matéria-prima da indústria de confecção, fica mesmo difícil entender o que é para ter **importações** liberadas e o que precisa de defesa comercial.

O presidente americano, Barack Obama, não tem a mesma dificuldade agora enfrentada por Pimentel.

Nessa visita ao Brasil, ele não alardeou que estava empenhado em defender a empresa americana. Seu objetivo, avisou ele, é defender o emprego nos Estados Unidos (jobs).

Ele não está lá para defender os interesses da General Motors, da Ford, da GE, da Dupont ou da Procter & Gamble, que tanto estão nos Estados Unidos como estão na China, no **Brasil** e em toda parte. Ele está lá para aumentar o emprego nos Estados Unidos.

O mundo ficou mais complexo, a economia está ainda mais e já não é tão simples executar uma política de defesa da indústria nacional. De todo modo, a melhor maneira de defender empregos e a atividade econômica no País é garantir condições de competitividade ao setor produtivo no Brasil.

Ao contrário do que disse ontem Pimentel, a principal tarefa não consiste em definir o que seja indústria nacional. A missão que realmente **importa** é diminuir o custo **Brasil** para que toda a atividade econômica, não **importando** o controle do seu capital, seja competitiva no País.

E reduzir custos é reduzir a carga tributária, desonerar encargos sociais, baixar os juros, fazer as reformas e dotar o **Brasil** de uma infraestrutura rápida, funcional e barata.

Esse objetivo é ainda mais premente agora, quando já não é mais possível, como era antes, compensar custos elevados de **produção** com um câmbio desvalorizado, artifício que barateava o industrializado no Brasil e encarecia o **importado**, mas pouco fazia para dar competitividade ao produto brasileiro.

CONFIRA

Piorou

A expectativa do **mercado** para a inflação de 2011 continua em deterioração. Há quatro semanas, era 5,79% e, na semana passada, 5,88%.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO FIESP PEDE MAIS EQUILÍBRIO NO <u>COMÉRCIO</u> BRASIL-EUA		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Em reunião com secretário de Comércio americano, Skaf reclamou do déficit comercial

Anne Warth - O Estado de S.Paulo

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Paulo Skaf, pediu ontem mais equilíbrio nas relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos. Após se reunir com o secretário de Comércio americano, Gary Locke, Skaf reclamou do déficit comercial do Brasil com os EUA no ano passado, de US\$ 8 bilhões, e ressaltou que a projeção para este ano é de um novo déficit, de US\$ 10 bilhões.

Encontro. O secretário de comércio americano, Gary Locke, que se reuniu com a Fiesp ontem "Chamamos a atenção para o fato de que o fluxo comercial com os EUA em 2010 foi praticamente o mesmo de 2004, mas, na época, tínhamos um superávit de US\$ 8 bilhões e hoje temos um déficit de US\$ 8 bilhões", disse Skaf. O presidente da Fiesp também reclamou da queda da participação de produtos manufaturados nas exportações brasileiras para os Estados Unidos. Em 2004, os produtos manufaturados representavam 74% das vendas externas brasileiras ao país. No ano passado, representaram 51%. "O volume de exportações continua igual, mas o perfil piorou muito. Com o andar da carruagem, sem dúvida as coisas pioraram muito para o Brasil, ficaram muito desequilibradas."

Locke não falou com a imprensa, mas, de acordo com Skaf, ele reconheceu a necessidade de maior equilíbrio no comércio bilateral. Por outro lado, informou o presidente da Fiesp, para cada US\$ 1 bilhão que os EUA exportam para o Brasil, 5 mil empregos são criados ou mantidos. Segundo ele, também foram temas de discussões a retomada da Rodada Doha, a renovação da inclusão do Brasil no Sistema Geral de Preferências (SGP), as barreiras americanas ao açúcar e ao etanol brasileiros e a possibilidade de um acordo para acabar com a tributação.

De acordo com Skaf, Locke reconheceu a legitimidade das demandas brasileiras e admitiu que alguns pontos devem ser estudados, mas foi evasivo e não deu garantias. "Eu não esperava muito", disse Skaf. "A vinda de Obama (Barack Obama, presidente dos EUA) ao Brasil é um gesto de reaproximação, mas cabe a nós transformar esse gesto em ações concretas."

O diretor do Departamento de Infraestrutura da Fiesp, Carlos Cavalcanti, disse que os EUA ainda impõem muitas barreiras a produtos brasileiros, embora se declarem o país mais aberto do mundo. "A aproximação diplomática é importante, mas ninguém enche a barriga com gestos de boa vontade. Nesse campo, esperamos atitude mais concreta do governo americano."

Prioritário. O presidente do Banco de Importação e Exportação dos EUA (Eximbank), Fred P. Hochberg, admitiu que o Brasil é um dos nove países considerados prioritários para a instituição, mas também é aquele em que as relações com a instituição evoluem de forma mais lenta. Além do Brasil, as nações mais importantes para o Eximbank, atualmente, são México, Colômbia, Turquia, Nigéria, África do Sul, Indonésia, China e Índia.

"Todos esses países apresentam crescimento rápido do PIB (Produto Interno Bruto) e grande necessidade de investimentos em infraestrutura. Nossa atuação cresceu muito em todos, exceto no Brasil, onde os investimentos continuam os mesmos de dois anos atrás." Sem citar os períodos a que se referia, Hochberg disse que, nos últimos anos, os empréstimos do banco na Colômbia saltaram de US\$ 30 milhões para US\$ 5 bilhões.

Hochberg disse que a instituição disponibilizou US\$ 2 bilhões para investimentos da Petrobrás e US\$ 1 bilhão para projetos ligados à Copa de 2014 e à Olimpíada de 2016, além de financiamentos já aprovados para a Gol e para a TAM. "Temos esperança de que possamos utilizar este US\$ 1 bilhão para projetos de infraestrutura para a Copa e para a Olimpíada apenas como porta de entrada para as empresas brasileiras."

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Celso Ming		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Um mundo mais complexo

O Estado de S.Paulo

O ministro do **Desenvolvimento**, Fernando Pimentel, parece tomado por uma crise de identidade.

Assumi seu **Ministério** prometendo defender ferrenhamente os interesses da empresa nacional. Nem completou três meses de administração e já confessa, como ontem confessou aos empresários paulistas, que já não sabe mais o que é para ser defendido: "Temos dificuldades para definir o que é indústria nacional", afirmou, em São Paulo.

É natural que assim seja. Nem mesmo a brasileiríssima jabuticaba, tão citada, pode ser reconhecida como produto genuinamente nacional, porque há notícias de que o Paraguai e a Bolívia também a produzem. Em todo o caso, o ministro do **Desenvolvimento** parece surpreendido com os efeitos de uma economia cada vez mais globalizada.

Pimentel entendeu que, em seu posto, deveria agir com rigor para defender o produto nacional contra a predação provocada pelo produto **importado**, e logo percebeu que o produto nacional é em grande parte elaborado com peças e componentes **importados**.

A indústria automobilística, por exemplo, gostaria de **importar** peças sem taxa aduaneira, mas, com isso, prejudica a indústria de autopeças. O setor têxtil, por sua vez, quer, algo genericamente, proteção ao produto acabado e liberação comercial da matéria-prima. Mas fica difícil colocar o princípio em prática. Como a fibra é matéria-prima da indústria de fiação; o fio, matéria-prima da indústria de tecelagem; e o tecido, matéria-prima da indústria de confecção, fica mesmo difícil entender o que é para ter **importações** liberadas e o que precisa de defesa comercial.

O presidente americano, Barack Obama, não tem a mesma dificuldade agora enfrentada por **PIM**entel. Nessa

visita ao Brasil, ele não alardeou que estava empenhado em defender a empresa americana. Seu objetivo, avisou ele, é defender o emprego nos Estados Unidos (jobs). Ele não está lá para defender os interesses da General Motors, da Ford, da GE, da Dupont ou da Procter & Gamble, que tanto estão nos Estados Unidos como estão na China, no **Brasil** e em toda parte. Ele está lá para aumentar o emprego nos Estados Unidos.

O mundo ficou mais complexo, a economia está ainda mais e já não é tão simples executar uma política de defesa da indústria nacional. De todo modo, a melhor maneira de defender empregos e a atividade econômica no País é garantir condições de competitividade ao setor produtivo no Brasil.

Ao contrário do que disse ontem Pimentel, a principal tarefa não consiste em definir o que seja indústria nacional. A missão que realmente **importa** é diminuir o custo **Brasil** para que toda a atividade econômica, não **importando** o controle do seu capital, seja competitiva no País.

E reduzir custos é reduzir a carga tributária, desonerar encargos sociais, baixar os juros, fazer as reformas e dotar o **Brasil** de uma infraestrutura rápida, funcional e barata.

Esse objetivo é ainda mais premente agora, quando já não é mais possível, como era antes, compensar custos elevados de **produção** com um câmbio desvalorizado, artifício que barateava o industrializado no **Brasil** e encarecia o **importado**, mas pouco fazia para dar competitividade ao produto brasileiro.

CONFIRA

Piorou

A expectativa do **mercado** para a inflação de 2011 continua em deterioração. Há quatro semanas, era 5,79% e, na semana passada, 5,88%.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO DILMA ESTUDA NOMES ALTERNATIVOS PARA A SECRETARIA DE AVIAÇÃO CIVIL		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Cristiano Romero | De Brasília

Sergio Zacchi

Rossano Maranhão: demora do executivo em aceitar ou declinar do convite para comandar a aviação civil pode levar o governo a entregar secretaria ao PP. Depois de esperar, em vão, por uma resposta do executivo Rossano Maranhão, a presidente Dilma Rousseff pode nomear o ex-ministro das Cidades Márcio Fortes para comandar a recém-criada Secretaria de Aviação Civil. Ligado ao PP e ao senador Francisco Dornelles (PP-RJ), Fortes é tido como um "coringa" pela presidente, que pensou, inicialmente, em nomeá-lo para presidir o Eximbank, uma subsidiária a ser criada no âmbito do **BNDES** para financiar exportações.

No fim de semana, Fortes ganhou um aliado de peso - o governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral (PMDB). Em conversa com a presidente Dilma, Cabral defendeu a nomeação do ex-ministro. A escolha seria uma forma de compensar o PMDB fluminense pela perda de cargos no segundo escalão, especialmente em estatais como Furnas Centrais Elétricas. Cabral ajudou a eleger Dornelles no pleito do ano passado e os dois, segundo apurou o Valor, estariam articulando a possível nomeação de Márcio Fortes.

O nome do ex-ministro não é pacífico dentro do governo. O ministro da Casa Civil, Antonio Palocci, indicou Rossano Maranhão para a nova secretaria, bem como o novo presidente da Infraero, Gustavo do Vale, que toma posse hoje em Brasília, e o presidente da Autoridade Pública Olímpica (APO), Henrique Meirelles. Com a nomeação desse trio, o plano era promover um choque de gestão no setor de aviação, principalmente na infraestrutura aeroportuária, abrindo-o para investimentos privados.

Presidente do Banco Safra, Rossano encontrou dificuldades para deixar a instituição, onde trabalha

desde 2005. Sondado em janeiro, aguardava a criação da Secretaria de Aviação Civil para dar uma resposta definitiva ao Palácio do Planalto. O governo cogitou esperar, inclusive, por sua desincompatibilização no prazo de um ou dois meses, mas a resposta do executivo nunca veio. O clima ontem, na cúpula do governo, era de frustração. Palocci não tinha um Plano B.

Nos bastidores, percebendo que não conseguiria deixar facilmente o Safra, Rossano teria sugerido o nome do presidente da Oi, Luiz Eduardo Falco. Executivo da TAM por 20 anos, quando chegou a atuar como braço direito do comandante Rolim Amaro, fundador da empresa, Falco conhece bem o setor de transporte aéreo.

Formando em engenharia aeronáutica pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), Falco deixou a TAM depois da morte do comandante Rolim, em 2001. Uma empresa caçadora de talentos o indicou para presidir a Telemar (hoje, Oi), a maior companhia telefônica do país, cargo que ele exerce desde então. "Não tem ninguém mais habilitado para o novo cargo do que ele", afiança um interlocutor da presidente Dilma.

À frente da Oi, Falco negociou com Dilma, então ministra da Casa Civil do governo Luiz Inácio Lula da Silva, a implantação de serviços de banda larga em escolas públicas. Dilma negociou a troca de uma exigência imposta às teles à época da privatização - a instalação de orelhões e postos de serviços por todo o país - pela banda larga nas escolas. As conversas não foram fáceis, mas Dilma e Falco, segundo revelam fontes ouvidas pelo Valor, passaram a se admirar mutuamente.

Um possível constrangimento à nomeação de Falco estaria no fato de a Oi ter, entre seus sócios, o grupo Andrade Gutierrez, que constrói e opera aeroportos no exterior e tem planos de fazer o mesmo no Brasil - a empresa, em consórcio com outras empreiteiras, tenta

convencer o governo, desde a gestão Lula, a autorizar a construção de um terceiro aeroporto em São Paulo. Outra restrição seria o fato de a Oi ter associação com empresa de um dos filhos do ex-presidente Luiz Inácio **Lula** da Silva.

Um terceiro nome cogitado para a Secretaria de Aviação Civil é o do economista Marcelo Guarany,

indicado pelo ministro da Defesa, Nelson Jobim. Guarany é, hoje, diretor da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) e vinha sendo cotado para assumir o comando da agência, cargo que está vago desde o sábado.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO SUPERÁVIT COMERCIAL SOMA NO ANO US\$ 2,3 BI		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

De São Paulo

A balança comercial brasileira somou US\$ 741 milhões de superávit nas três primeiras semanas deste mês. Em 12 dias úteis de março, as **exportações** somaram US\$ 10,910 bilhões e as **importações** atingiram US\$ 10,169 bilhões. Na terceira semana do mês, porém, houve déficit comercial de US\$ 100 milhões, decorrente de vendas externas de US\$ 4,433 bilhões e compras de US\$ 4,533 bilhões. O resultado seguiu um saldo comercial positivo de US\$ 39 milhões obtido entre os dias 7 e 13 e de US\$ 802 milhões no início de março. Os dados foram divulgados ontem pelo **Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)**.

No mês, houve aumento das vendas de 45% nos produtos básicos, com destaques para o trigo em grão, minério de cobre, minério de ferro, milho em grão, café em grão, carne de frango, bovina e suína e farelo de soja. Nos

semimanufaturados, houve alta de 44,1%, e entre os manufaturados, que cresceram 18,6%, os maiores embarques foram de suco de laranja, óleos combustíveis, polímeros plásticos, partes de motores para veículos, açúcar refinado e automóveis.

A balança comercial brasileira acumula superávit de US\$ 2,362 bilhões desde o início do ano até a terceira semana de março. O resultado referente a 53 dias úteis reflete **exportações** de US\$ 42,857 bilhões e **importações** de US\$ 40,495 bilhões. A corrente de **comércio** atingiu US\$ 83,352 bilhões, com uma média de US\$ 1,572 bilhão por dia útil, cifra 25% maior que a média do ano passado.

Em período equivalente de 2010, a balança comercial registrava superávit de US\$ 743 milhões, resultante de US\$ 33,720 bilhões em **exportações** e de US\$ 32,977 bilhões em **importações**.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO SECRETÁRIO AMERICANO DESTACA GARGALOS DE INFRAESTRUTURA		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Eduardo Laguna | De São Paulo

O secretário de **Comércio** dos Estados Unidos, Gary Locke, disse hoje que o ambiente de negócios no Brasil ainda impõe "obstáculos substanciais" a empresas que desejam investir no país. Em evento na Câmara Americana de **Comércio** (Amcham), o secretário criticou as dificuldades enfrentadas por empresas americanas com a lentidão em alfândegas e os gargalos em infraestrutura, além da pesada carga tributária e o complexo sistema legal brasileiro. Fora isso, citou que ainda há dúvidas sobre o compromisso do **Brasil** em apoiar a inovação, por meio de um fortalecimento nas regras de proteção à propriedade intelectual.

"Esperamos que o governo brasileiro continue em seus esforços para construir um ambiente de negócios mais transparente, com um marco regulatório mais consistente", assinalou Locke durante um discurso de cerca de 15 minutos.

O secretário esteve reunido ontem em São Paulo com executivos de multinacionais americanas instaladas no **Brasil** e ouviu deles reclamações sobre as dificuldades em escoar **mercadorias** pelos portos brasileiros, como os obstáculos relacionados à infraestrutura de logística e a lentidão causada pela burocracia alfandegária. Em entrevista a jornalistas, Locke citou a máxima de que "tempo é dinheiro", ao dizer que esses problemas têm pressionado os custos das empresas americanas.

O secretário de **Comércio** americano comentou que a infraestrutura no **Brasil** é um ponto que terá que receber atenção nos próximos anos. Ele lembrou que o governo brasileiro deverá realizar investimentos robustos no sistema aeroportuário, tendo-se em vista, sobretudo, a realização no **Brasil** da Copa do Mundo de futebol de 2014 e da Olimpíada de 2016.

Nesse sentido, Locke afirmou que as empresas americanas podem ajudar a custear os investimentos via parcerias com o setor público, aproveitando a expertise em setores como construção civil, engenharia, logística e segurança de aeroportos. Apesar de algumas críticas, o secretário fez elogios à situação econômica do **Brasil** e à forma como o país conseguiu superar rapidamente a crise financeira global, cravando um crescimento de 7,5% do Produto Interno Bruto (**PIB**) no ano passado.

Locke, que acompanhou a comitiva de Barack Obama em Brasília e no Rio, repetiu a intenção do governo dos Estados Unidos em dar ao **Brasil** a mesma importância dada à Índia e à China. Disse também que o governo americano tem trabalhado para assegurar que o **Brasil** receba o reconhecimento e o tratamento adequados na economia global, apoiando o fortalecimento do papel do país no Fundo Monetário Internacional (FMI) e no Banco Mundial (Bird).

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO Brasil pressiona Argentina por fim de barreiras, mas não pensa em retaliação		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Sergio Leo | De Brasília

A proliferação de barreiras à entrada de produtos **importados** na Argentina, duramente criticada por indústrias brasileiras, tem levado a diplomacia brasileira a pressionar o governo argentino, em contatos da embaixada brasileira de Buenos Aires com autoridades daquele país. Mas está fora da pauta do governo, por enquanto, repetir a reação tomada pelo governo em 2009, quando o então ministro do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge**, obrigou os argentinos a negociar a liberação mais rápida de licenças de **importação**, ao impor licenças também no **Brasil** a produtos argentinos.

Como informou ontem o Valor, desde janeiro não se **exporta** nenhuma máquina agrícola brasileira para a Argentina, caminhões de doces chocolates foram parados na fronteira, e empresários de setores como cutelaria, têxtil e produtos de beleza acusam o governo argentino de extrapolar o prazo máximo que havia prometido ao **Brasil** para liberação das licenças, de 60 dias. O Itamaraty tem apostado nos contatos diretos com o governo argentino, que prometeu dar prioridade à liberação de licenças para os produtos brasileiros e atribui os atrasos a dificuldades com a transição do sistema, de manual para informatizado, o que deve se resolver em curto prazo.

Segundo o Itamaraty, o governo tem cobrado dos argentinos a liberação mais célere de produtos de estação, como ovos de Páscoa e coleções têxteis, ameaçadas de encalhe caso não cheguem a tempo ao varejo no país vizinho. Os argentinos alegam que, no caso de alimentos, o instituto certificador sanitário, Inal, está em fase de extinção e ainda não há definição sobre quem vai substituí-lo - só quem já possui certificado sanitário podem se beneficiar da promessa de liberação rápida de licenças.

Diplomatas dos dois países dizem que, apesar das barreiras, danosas a setores como calçados, alimentos, têxteis e eletrodomésticos, o **comércio** com a Argentina cresce exponencialmente, com um aumento significativo do superávit em favor do Brasil. No ano passado, as **exportações** de produtos industriais do **Brasil** à Argentina superaram em quase US\$ 9 bilhões as compras brasileiras de produtos daquele país. No primeiro bimestre, o superávit total no **comércio** bilateral foi de US\$ 572 milhões em favor do Brasil, mais que o dobro do registrado no ano passado.

Os problemas foram levados às autoridades argentinas há cerca de duas semanas, em reunião da comissão de **monitoramento do comércio**, e os argentinos prometeram acelerar as liberações, de produtos como máquinas agrícolas e alimentos. Os diplomatas têm feito reuniões constantes em Buenos Aires levando casos específicos que, segundo informa o Itamaraty, têm sido resolvidos. Os empresários brasileiros se queixam, porém, das incertezas levantadas com esses procedimentos caso a caso.

A situação lembra a de 2009, quando as dificuldades de liberação de licenças só terminaram quando, por pressão de **Miguel Jorge** e do então secretário de **Comércio Exterior, Welber Barral**, o presidente **Lula** autorizou a aplicação de licenças não automáticas produtos argentinos vendidos ao Brasil. A escalada protecionista só foi resolvida com um compromisso argentino de cumprir o prazo de no máximo 60 dias para liberar as licenças de **importação**, o que não vem acontecendo.